

## “CASA DO CÃO”: UMA FORTIFICAÇÃO COLONIAL NO MUNICÍPIO DE SENADOR SÁ, CEARÁ.

Beatriz Freire Guimarães<sup>1</sup>

Monique Emanuele Pinheiro Ferreira<sup>2</sup>

Pedro Henrique Gaspar de Melo<sup>3</sup>

Juvandi de Souza Santos<sup>4</sup>

Bertoni Vasconcelos Diogo<sup>5</sup>

João Nilo de Souza Nobre<sup>6</sup>

Manoel Odorico de Moraes Filho<sup>7</sup>

### RESUMO

O historiador é um estudioso do passado, que busca respostas para questões atuais, construindo memórias com base em diversas fontes. Nessa árdua empreitada, ele conta com o auxílio de uma equipe multidisciplinar composta por arqueólogos, bioarqueólogos, arquitetos, geógrafos e outros cientistas, um exemplo concreto desse trabalho colaborativo é a pesquisa e o registro das hipóteses levantadas sobre a origem da “Casa do Cão”, uma imponente construção fortificada erguida durante o período colonial em Senador Sá, interior do Ceará. Essa análise contribui significativamente para a narrativa histórica local, desmistificando crenças que podem comprometer a preservação das

1 Universidade Federal do Ceará - UFC - Mestranda em Medicina Translacional - profbeatrizguimaraes@gmail.com

2 Universidade Maurício de Nassau - Parnaíba - Arquiteta - moniqueepf@gmail.com

3 Universidade Federal do Ceará- UFC - Doutorando em Medicina Translacional - pedrugaspar@gmail.com

4 Universidade Estadual da Paraíba- UEPB - juvadi@terra.com.br

5 Universidade Estadual do Vale do Acaraú-UVA - Geógrafo - bertoni75@gmail.com

6 Graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Doutor em Arqueologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) - nilonobrelobo@gmail.com

7 Universidade Federal do Ceará- UFC - Prof. Dr. no Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento de Medicamentos- NPDM - odorico@ufc.br

ruínas desse monumento, além disso, desempenha um papel fundamental na construção da identidade e preservação da memória coletiva enfatizando a necessidade de realizar estudos aprofundados no espaço para valorizar sua relevância cultural e promover sua visitação, enriquecendo assim o conhecimento histórico e fomentando o turismo na região.

Palavras-chaves: Casa de Pedra ; Colonização; Interior do Ceará; Arqueologia;

## 1.0 INTRODUÇÃO

A ambição é o sentimento que estimula os homens através dos dias, anos, décadas, séculos e milênios, permitindo ao mesmo deslocar-se por terras, mas principalmente por águas, afinal, os oceanos não foram capazes de conter o desejo de expansão europeia. Impulsionados pela “sede de ouro”, os habitantes do velho mundo traçaram novas rotas comerciais e atingiram o continente americano.

No processo de expansão marítima dos séculos XV e XVI, Portugal desempenhou um papel pioneiro, seguido de perto pela Espanha. O pioneirismo ibérico não foi casual: suas origens remontam a idade média e a precoce centralização do poder político nessa região (VICENTINO, 1997, p.35)

O processo de expansão marítima agregou grupos com diferentes interesses, como mostra o esquema ilustrado abaixo:



A coroa representa o poder real e o cifrão a burguesia. As grandes viagens marítimas dependiam de uma complexa estrutura material: navios, homens, armas, fartas provisões, de tal modo, era essencial uma aliança entre o Estado e o capital da burguesia. Da coroa veio o interesse em fortalecer os Estados nacionais, facilitando a submissão da sociedade aos reis e expandindo suas posses de terras, enquanto a burguesia desejava participação nos lucros. Por último, a igreja que se encontrava abalada pela reforma protestante e almejava conquistar novos fiéis.

Portugal foi o pioneiro nas Grandes Navegações, graças a sua privilegiada posição geográfica e por



gozar de paz interna ao contrário de outros países, como a Espanha que ainda lutava para expulsar os Árabes de suas terras, ao passo que França e Inglaterra travavam a Guerra dos Cem anos.

Em 1.500 os portugueses chegaram ao Brasil, porém a colonização de fato só ocorreu aproximadamente a partir de 1.530, Portugal almejava não só garantir a posse das novas terras, como também, coibir a presença de estrangeiros (principalmente franceses), que com frequência invadiram a colônia, além disso, torná-la economicamente viável, uma vez que o comércio com o Oriente perdia sua lucratividade (FARIAS, 2015, p.21). Logo, a ocupação do Brasil passou a ser planejada e feita pelo sistema de Capitânicas Hereditárias. A produção de cana-de-açúcar foi implementada como principal atividade econômica tendo êxito principalmente nas capitânicas de Pernambuco e Bahia, desse modo, a capitania do Ceará ficou praticamente esquecida pela coroa portuguesa, transformando-se em sinônimo de periferia. De acordo com Farias (2015):

Tradicionalmente, apontam-se várias razões para a demora do início da conquista local, a exemplo das correntes aéreas e marítimas (que dificultava o acesso à costa cearense), a agressividade do meio físico (litoral de difícil, atracagem, secas, etc.), a reação dos índios à presença do invasor português e até a presença constante de estrangeiros na região, impedindo a chegada dos lusitanos (FARIAS, 2015, p.22)

A presença dos colonizadores portugueses e outros estrangeiros ainda é perceptível nos dias atuais através dos monumentos históricos, que compõem a paisagem cearense, principalmente aqueles que retratam um cenário de constantes guerras, como os fortes no litoral.

Mas não foi apenas no litoral que emergiram construções militares ou fortificadas para proteger o território; no interior do Nordeste há registro dessas construções, as chamadas casas fortes ou casa de pedra, nome dado pela população sendo estas “... um posto entrincheirado e guarnecido de alguns homens. Servia de refúgio aos moradores em caso de perigo” (ROCHA, 1921,p.152).

Nesse caso, quando o autor se refere ao perigo direciona a necessidade de proteção tanto contra estrangeiros, quanto indígenas que não aceitaram acordos de paz. Segundo Airon (2005), na capitania vizinha do Rio Grande do Norte:

Foram assim, as Casas Fortes, importantes para a ocupação e defesa do espaço da capitania no século XVII, sendo deixadas de lado ao longo da primeira metade do século XVIII, em função do surgimento das Missões de Aldeamento de caráter permanente. (AIRON, 2005, pp.118-119)

Airon (2005) ainda menciona que:

Outro dado importante fornecido por Robert Smith é que, os arquitetos do período colonial no Brasil eram arquitetos militares portugueses residentes na colônia e que alguns foram formados nas Aulas de Fortificação e Artilharia, fundadas em Salvador em 1699 e no Rio de Janeiro em 1735, cabendo então a estes toda a sorte de edifícios civis. 27 Em suma, nessas áreas de possessão portuguesa, possibilitar aos colonos ao mesmo tempo defesa e ocupação para exploração, exigiu esforços quanto às adaptações e adequações próprias às condições naturais locais, inclusive no uso da



mão-de-obra indígena para a construção destas Casas Fortes. (AIRON, 2005, p.120)

Vale ressaltar que as diretrizes construtivas desses espaços eram baseadas nas próprias experiências de Portugal, essas construções seguiam as recomendações da Coroa portuguesa. É possível constatar as orientações em um documento enviado à Tomé de Souza, primeiro governador geral do Brasil, “fizesse ele uma fortaleza de pedra e cal e, se não a pudesse construir com esse material, que a fabricasse de pedra e barro, ou então de taipa, ou ainda de madeira”, faça-se a fortaleza como melhor pode ser” (VASCONCELLOS, 1979, p. 23).

Segundo o professor e arqueólogo Dr. Juvandi de Souza Santos em sua obra “Casas - Fortes, Arraiais, Sertão e Extinção indígena na Capitania Real da Paraíba” (2021) nas estruturas e alicerces identificados nos sertões da Paraíba e Rio Grande do Norte, em parte não foram identificados o uso de tijolos, algo que o mesmo atribuiu a dificuldade em fabricar o tijolo e a emergência em edificar a estrutura fortificada e a grande quantidade de pedras existentes no sertão viabilizou a construção mais rústica (SANTOS, 2021, p.33).

No que se refere a presença dessas Casas Fortes no Ceará, nos deparamos com antigas ruínas que apresentam estruturas semelhantes a tais edificações no município de Senador Sá, sobre a qual existem algumas teorias a respeito de sua origem, além das lendas em torno do lugar que lhe rendeu o apelido de ‘Casa do Cão’.

Há poucos ou quase nenhum relato sobre tal construção na historiografia cearense. Antônio Bezerra menciona as ruínas na obra *Notas de Viagem: Parte Norte*, segundo o autor a população atribui a construção aos holandeses ou jesuítas.

Sendo assim, o objetivo desse trabalho não é ratificar nenhuma teoria, apenas registrar e apresentar os fatos até então constatados e enfatizar a necessidade de estudos mais aprofundados, inclusive de natureza arqueológica que possam corroborar as características e origem da construção, para enfim preencher lacunas na narrativa histórica local.

A metodologia utilizada foi baseada em literaturas especializadas, relatos da população (fonte oral), sites, visita ao local com registros em vídeos e fotografias.

O objeto de estudo é denominado a “ Casa do Cão”, aqui serão explanadas todas as versões sobre sua origem até então conhecidas, inclusive as discussões místicas ao redor do monumento e suas problemáticas, já que trata-se um sítio que requer preservação graças ao seu caráter histórico e cultural.

## **2.0 DESTROÇOS DE UMA CONSTRUÇÃO COLONIAL EM SENADOR SÁ.**

Senador Sá é uma pequena cidade nordestina, localizada na região metropolitana de Sobral, Estado do Ceará (Figura 1) chegando a ter 7.691 habitantes em 2020, no ano de 1921 não passava de um distrito pertencente à nova urbe de Massapê.

FIGURA 1 - MAPA SITUANDO A CIDADE DE SENADOR SÁ NO CEARÁ



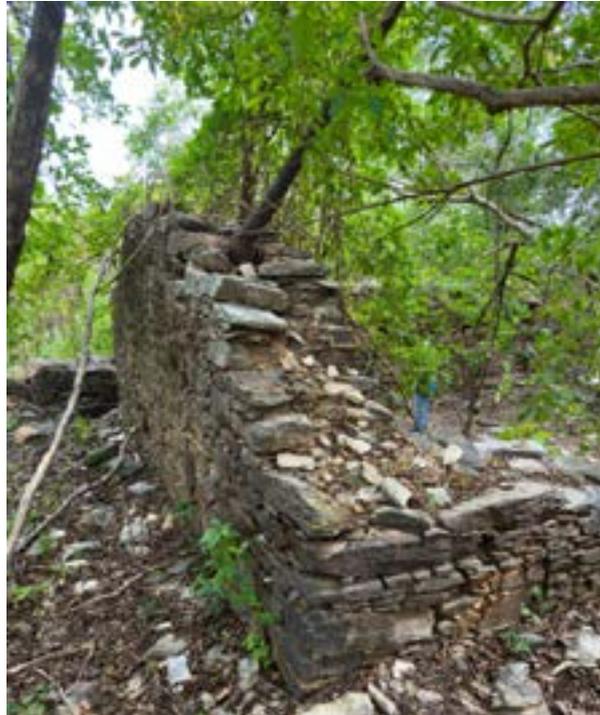
Fonte: wikipedia.org

O pequeno distrito antes conhecido como Pitombeiras, mudou seu nome para Senador Sá no ano de 1938 em homenagem ao Senador Francisco Sá, conhecido por seu poder político e representar o Ceará no senado federal, contudo, o status de município só lhe foi concedido em 23 de agosto de 1957 com a Lei nº 3.762.

A cidade possui alguns pontos turísticos: Balneário Ilha da Fantasia (Distrito de Serrota), Balneário Brisa da Serra (Vilarejo de Penedo), Biblioteca Municipal de Senador Sá e a Casa de “Predá”, sendo este último o objeto de interesse deste trabalho.

A Casa de Predá (de pedra) é uma intrigante construção, ou melhor, ruínas de uma construção edificada provavelmente no final do século XVII e início do século XVIII, localizado na propriedade Fazenda Olho dos Picos, de localização  $3^{\circ}22'47.8''S$   $40^{\circ}27'29.0''W$ , com uma área aproximada de  $205m^2$ , a construção de estrutura imponente emerge a beira da encosta em meio a vegetação predominante de caatinga arbustiva densa e solos rasos e pedregosos. Como mostra algumas fotografias a seguir (Figura 2) e (Figura 3).

FIGURA 2 - CASA DE PEDRA EM SENADOR SÁ



**Crédito de imagem:** Manoel Odorico Moraes Filho

FIGURA 3 - CASA DE PEDRA EM SENADOR SÁ.



**Crédito de imagem:** Pedro Henrique Gaspar Melo.

Segundo Jackson (identificado apenas com este nome, escreveu em seu site “Lendas e Mitos senadorsaenses”):



Foi construída na encosta do Serrote da Fazenda Olho D’água dos Pico. É um local agradável em função de uma Nascente ali surgida, que além da beleza dada pela natureza transmite uma paz interior contradizendo assim ao nome dado àquele lugar. Há também uma lenda de que a finalidade da construção era um forte para abrigo contra invasores. Pela largura das paredes parece ter sido construída pelos escravos, hoje ainda é possível observar suas dimensões estas paredes revelam um curioso capricho de seus construtores que se preocuparam com sua perfeição (JACKSON, 2014, n.p).

Neste caso, é importante salientar alguns pontos, primeiro que não se trata de uma lenda (que será mencionada mais a frente), de fato a construção apresenta as características de defesa, ou seja uma arquitetura semelhante à militar; segundo, o termo escravo nesse contexto não se refere aos escravizados africanos, e sim a escravização dos indígenas; terceiro e não menos importante, a Casa do Cão vem despertando o interesse da comunidade científica, principalmente no âmbito da Arqueologia Histórica.

No dia 07 de Julho de 2023, uma equipe conduzida pelo Prof. Dr. Manoel Odorico Moraes Filho, composta por pesquisadores do Laboratório de Bioarqueologia Translacional (LABBAT), do Núcleo de Pesquisa e Desenvolvimento de Medicamentos (NPDM), da Universidade Federal do Ceará-UFC e alguns colaboradores: arquiteta, cinegrafista e guias, visitaram a famosa Casa do Cão.

Durante a incursão percebe-se que a mesma se encontra em um local agradável e sombreado, próximo a nascente d’água, porém, é possível notar o descuido com o monumento, não há placas de identificação, a vegetação está invadindo cada vez mais o espaço danificando o que resta das ruínas, evidenciando a necessidade de reconhecimento e proteção pelo IPHAN para preservar a memória e patrimônio local.

No que se refere a historiografia, vale salientar que as características militares da construção não retiram seu potencial doméstico, jamais uma fortificação seria vista, ou observada, desconectada de seu contexto mais amplo, ou seja, da sociedade que a construiu, dos conhecimentos coevos, e dos seus relacionamentos com um universo mais amplo (ALBUQUERQUE, 2017, n.p), e para analisar obras dessa natureza, devemos levar em consideração seus objetivos de construção, percebendo o lugar que foi escolhido para erguer tal monumento. Em primeiro lugar considerando as questões estratégicas e em segundo lugar o critério econômico. Segundo Santos (2021) nos sertões da Paraíba e Rio Grande do Norte as construções que seguiam o modelo de Casa Forte foram construídas em áreas topográficas estratégicas, próximas a rios, montanhas, florestas e terras aráveis (SANTOS, 2021, p. 34).

No que se refere a Casa de Pedra de Senador Sá- CE, é possível identificar as duas características, o que traz à tona novas especulações, mesmo que de tempos distintos. Por exemplo, a construção encontra-se em um local estratégico, situada em uma superfície alta que permite visualizar todo território, do ponto de vista econômico, deve-se lembrar que a região foi rota de gado, levando em conta a proximidade com o olho d’água que favorece os dois pontos mencionados.

Quanto aos registros historiográficos, Antônio Bezerra, registrou na sua obra *Notas de Viagem: Parte Norte*, informações sobre a “construção pesada” e já sem teto que o mesmo encontrou. Segundo Bezerra (1889):

Recostada à rocha de formação gnáissica, ergue-se como uma fortaleza, do solo a margem de dez metros de altura, tendo as paredes superiores 82 cm de grossura. Não tem e creio que nunca teve coberta, e apesar do abandono e estrago dos agentes atmosféricos, conserva-se ainda em perfeito estado. A entrada é pelo lado do fundo por duas portas na sala do centro, às quais correspondem duas janelas que dão vista para a planície e as outras duas salas do lado direito e esquerdo só tem comunicação interiormente. Muitos atribuem a construção ao holandeses, outro aos jesuítas, e quer tenha sido levantada por estes ou aqueles, admira a perfeição do trabalho, visto como as pedras sustentadas sem cimento. Outra composição de argamassa se mostram ainda tão apuradas que tanto do lado interno como externo não sobressai uma polegada da parede. Cálculo que tem a frente cerca de vinte metros (BEZERRA, 1889, pp.79-80).

Sobre a parte externa da casa o autor faz alusões à presença de dois obeliscos de pedra negra, fendidas regularmente, e a aura misteriosa que envolve a edificação atribuída ao diabólico. Durante a visita de campo da equipe do LABBAT, os pesquisadores identificaram o que poderia ser um portal, como é possível notar na Figura abaixo (Figura 4), onde houve o aproveitamento de uma barreira natural.

**Figura 4-** Posicionamento de rochas semelhante a um portal na Casa do Cão em Senador Sá



**Crédito de imagem:** Manoel Odorico Moraes Filho

O sistema construtivo desta edificação foi realizado em alvenaria de pedra seca, sistema rudimentar que não faz uso de argamassa ou qualquer outro material ligante. Consiste na sobreposição de pedras em diferentes tamanhos, mas de espessuras consideráveis para garantir sua estabilidade e tendo seus vazios

preenchidos pelas lascas da mesma pedra, como mostra a figura a seguir (Figura 5).

Figura 5- Método construtivo de pedra seca- Casa de Pedra - Senador Sá, CE



Créditos de imagem: Monique Emanuele Pinheiro Ferreira

É possível perceber que a principal característica são as paredes largas, sendo mais utilizadas nas construções de muros externos e pouco encontradas em construções residenciais. Em algumas regiões de Portugal, contudo, era hábito construções utilizando este sistema e ainda hoje se fazem nestes locais construções de um e dois pavimentos com esta tecnologia.<sup>8</sup>

A própria definição da metodologia utilizada (pedra seca) nessa construção é motivo de análise tendo em vista que relata um pouco do seu cenário, segundo Garcia (2018) “Son construcciones que se realizan en un contexto determinado -señala-, de falta de materiales, impulsadas desde las capas humildes abocadas a la autoconstrucción...” (GARCIA, 2018, n.p).

Ressalta-se que a ausência de uma cronologia mais precisa sobre a ocupação do local, dificulta sobremaneira a verificação de algumas hipóteses sobre a construção da casa forte. No trabalho de Júnior (2009) ao citar a pesquisa de Viveiro de Castro, o autor menciona que ao longo do século XVIII as construções realizadas pelos colonos utilizavam de matérias-primas improvisadas e de obtenção no entorno.

[...] sob este ângulo é que necessariamente deve ser compreendida e estudada a arquitetura do Ceará antigo: reduzida ao essencial, condicionada às parcas disponibilidades financeiras e sempre erguida com materiais de construção locais, para cujo emprego se descobriram técnicas imprevistas, caracterizadas pelo uso intensivo da carnaúba, **da pedra solta nos muros dos currais**, do entaipamento sobre cercas de faxina, do couro nas dobradiças e na amarração das madeiras, do tijolo branco de diatomita achatado, ... antitérmico (CASTRO apud JUNIOR 2009, p. 48, GRIFO NOSSO).

8 A este respeito ver a obra de Ernesto V. de Oliveira & Fernando Galhano. *Arquitetura tradicional portuguesa*. Lisboa : Dom Quixote, 1998.



A partir da citação, pode-se inferir que a técnica de construção de paredes de pedra solta permaneceu em alguns locais do Ceará colonial durante o século XVIII, concomitante com as construções de pau à pique (taipa). O que se deve explorar posteriormente é a proveniência desta forma de construção.

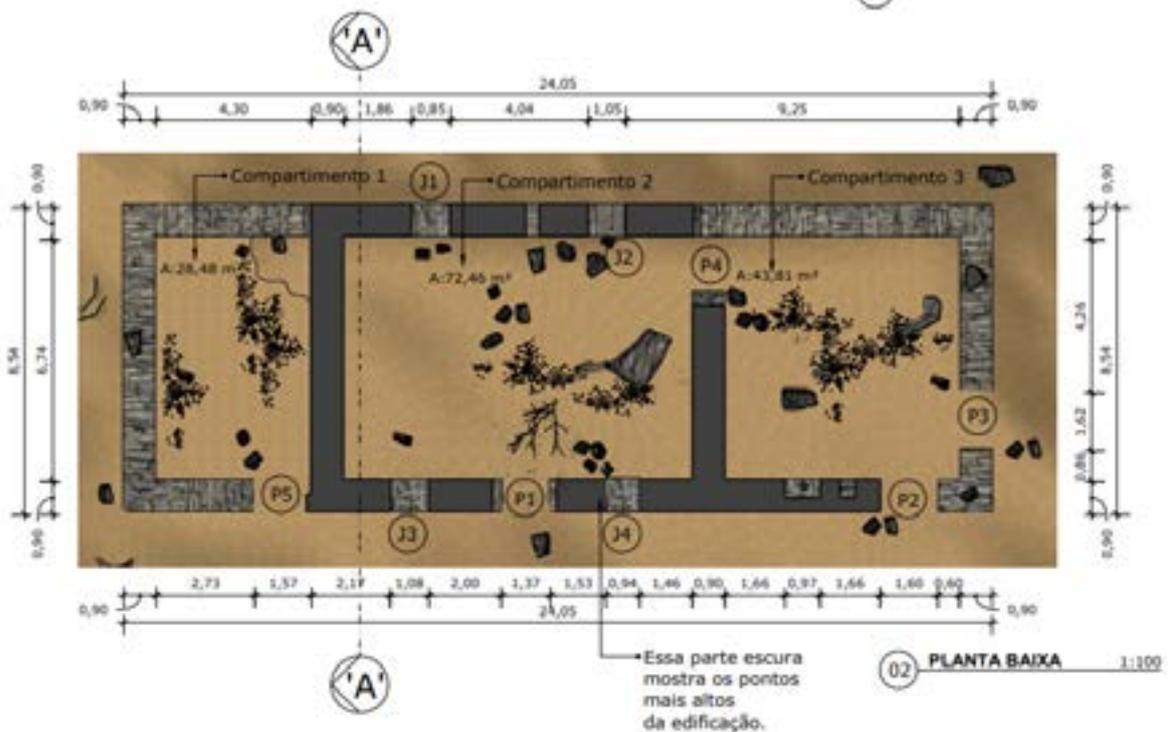
A Casa de Pedra de Senador Sá é composta por três salas de dimensões distintas, construídas com blocos de quartzitos de que variam poucos centímetros a mais de um metro, segundo Praxedes (1984) havia pedras dispostas uma sobre a outra, cimentadas por uma argamassa grosseira, todavia, existe grande parte apenas voltada ao uso de pedra-sobre-pedra (pedra seca). Essa última, identificada durante a visita da equipe do LABBAT.

Em uma análise preliminar, nota-se uma certa peculiaridade entre a ruína identificada em Senador Sá/CE e outras construções de pedra e cal existentes no nordeste destinadas à conquista e defesa territorial como estratégia de ocupação portuguesa no espaço do chamado Sertão. Para Albuquerque (2017) em todas estas etapas da humanidade o sistema de defesa esteve presente, mesmo que apresentando diferentes expressões e sempre refletindo a tecnologia de sua época correspondente, nesse sentido, Antônio Bezerra chama a atenção para importância de pesquisas sobre a edificação que “tem merecido a visita de quantos amam a ciência e mostram interesse pelas raridades” (BEZERRA, 1889, p.79).

Do ponto de vista arquitetônico, esse é um levantamento idealizando o estudo para cadastro desse bem cultural como sítio arqueológico junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em conformidade com a legislação do patrimônio arqueológico vigente, sobretudo o que versa a Lei federal n.º 3.924/1961 e a Portaria IPHAN n.º 316/2019. Por se tratar de um bem de natureza material que remonta o período da colonização no território cearense, esse local deve ser avaliado posteriormente, em função da sua significância histórica de interesse nacional e portador de referência aos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, para fins de tombamento, nos moldes da Constituição Federal e do Decreto-Lei n.º 25/1937.

Consiste em uma edificação de três ambientes, somando ao total 205m<sup>2</sup>. Sua fachada principal está posicionada a sudeste, onde temos as aberturas de entrada da edificação, como mostra a planta abaixo (Figura 6).

Figura 6- Planta baixa - Casa de Pedra - Senador Sá, CE.



Créditos de imagem: Monique Emanuele Pinheiro Ferreira

No primeiro ambiente, ao chegamos por um caminho lateral em meio a árvores e pedras de tamanhos variados, nos deparamos com uma estrutura de paredes baixas que variam entre 85cm e 90cm de largura. Uma planta em ângulos retos e com um vão de abertura de 1,57m na parede que se conecta a parte central da estrutura. No segundo ambiente, podemos acessá-lo por uma abertura centralizada de 1,37m e contamos com alturas variadas das paredes, onde podemos identificar a intenção de uma estrutura de cumeeira para recebimento de um telhado em duas águas, uma com caimento no sentido sudeste e outra para noroeste. Como mostra a planta a seguir (Figura 7).

**Figura 7-** Vista Sudeste - Casa de Pedra - Senador Sá, CE.



**Créditos de imagem:** Monique Emanuele Pinheiro Ferreira

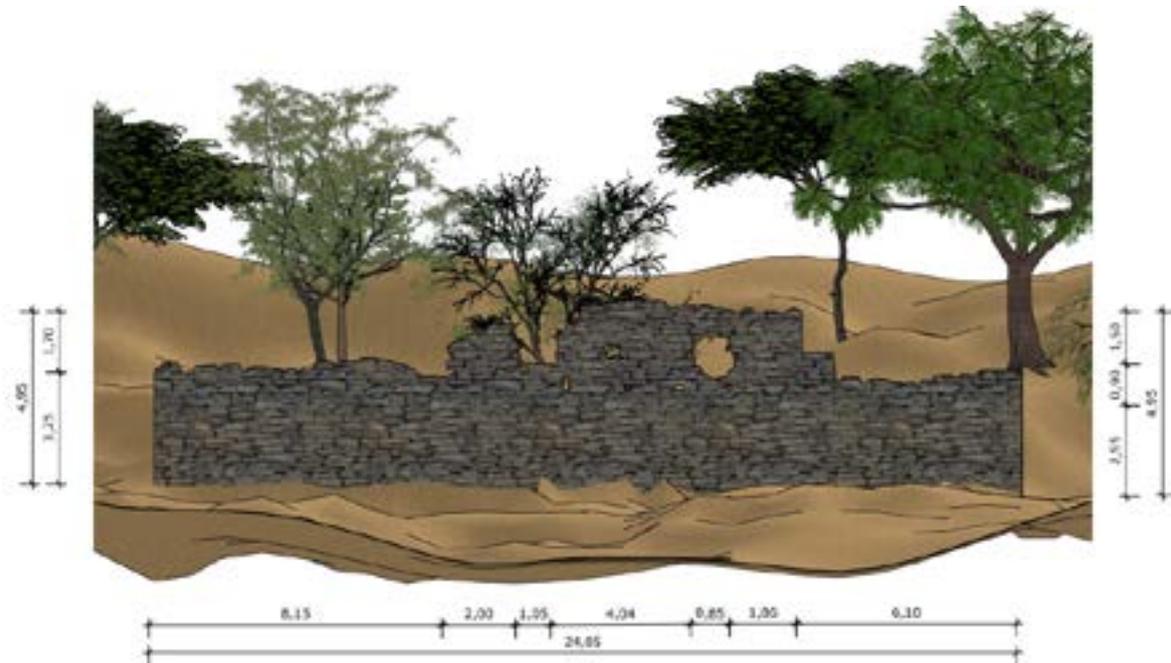
Ainda no segundo ambiente, observam-se aberturas de janelas nas paredes sudeste e noroeste com medidas aproximadas de 90x90cm, uma abertura de 1,50m de largura que leva ao terceiro compartimento, além de outros vãos menores distribuídos por toda a edificação com tamanhos variados. Segue a planta a seguir (Figura 8) e (Figura 9).

**FIGURA 8-** VISTA NOROESTE - CASA DE PEDRA - SENADOR SÁ, CE.



**Créditos de imagem:** Monique Emanuele Pinheiro Ferreira.

**Figura 9 - Vista Posterior da Casa do Cão em Senador Sá**



**Créditos de imagem:** Monique Emanuele Pinheiro Ferreira.

O terceiro ambiente, também pode ser acessado por mais dois outros vãos de 1,60m localizados nas paredes sudeste e nordeste. Com alturas variadas este ambiente possui, na parede sudeste, uma espécie de prateleira embutida que viria a servir de suporte para as atividades do recinto.

Temos ainda um alicerce sobressalente com 90cm de altura e aproximadamente 1m de largura. Por estar situada em uma encosta, há uma diferença de altura entre as paredes que varia de 0.90m a 5.10m. O interior da edificação está superficialmente preenchido com solo pedregoso e restos de matéria orgânica de plantas que cresceram em torno do local e pedras maiores da própria estrutura que vieram a se deslocar pela ação de intempéries ao longo dos anos, segue a planta abaixo (Figura 10)

FIGURA 10 - ABERTURAS DE VENTILAÇÃO E ESCOAMENTO DAS ÁGUAS PLUVIAIS

CASA DE PEDRA - SENADOR SÁ, CE.

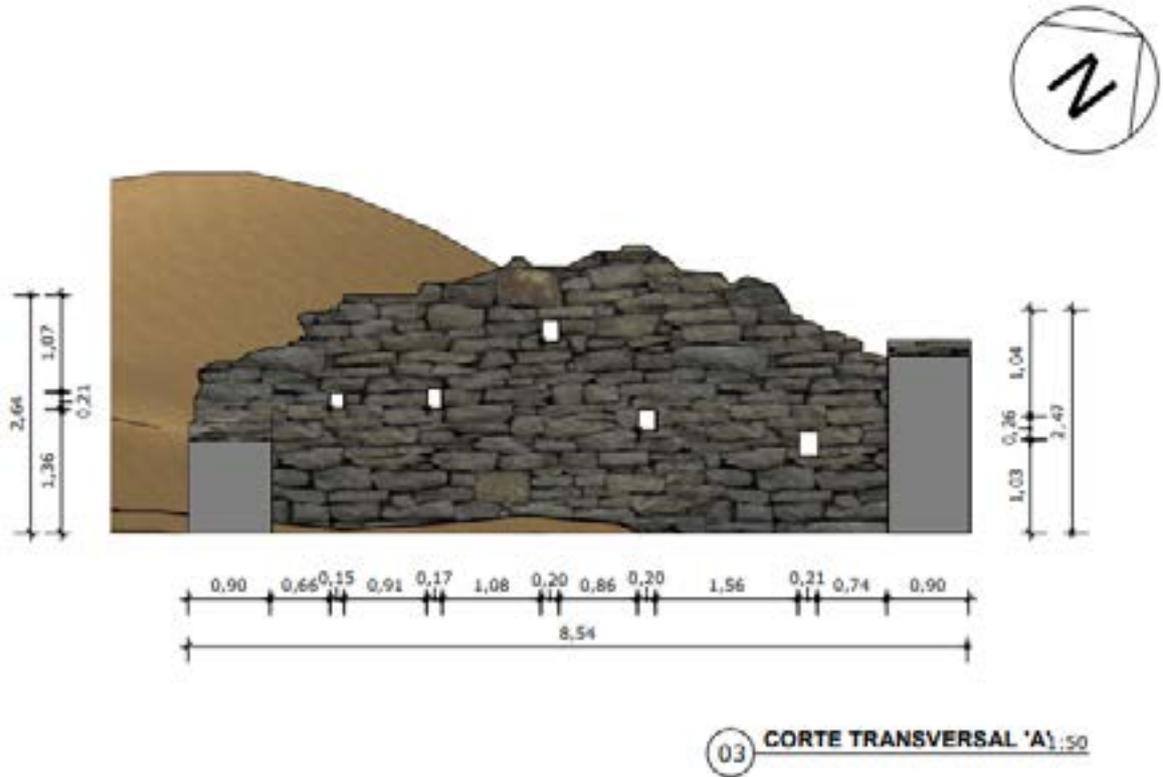


**Créditos de imagem:** Monique Emanuele Pinheiro Ferreira

Em uma análise geral, podemos observar que a construção, apesar de rudimentar, manteve a preocupação em relação aos fatores externos e em como eles afetariam o local. Paredes largas para uma boa sustentabilidade da estrutura, grandes aberturas proporcionando ventilação cruzada, aberturas menores com proporção e posição estratégica tanto para o escoamento das águas pluviais como para ventilação natural, evitando que as águas que escorressem pela encosta se acumulassem dentro dos ambientes e uma estrutura de cumeeira que pudesse sustentar uma cobertura como proteção de sol e chuva.

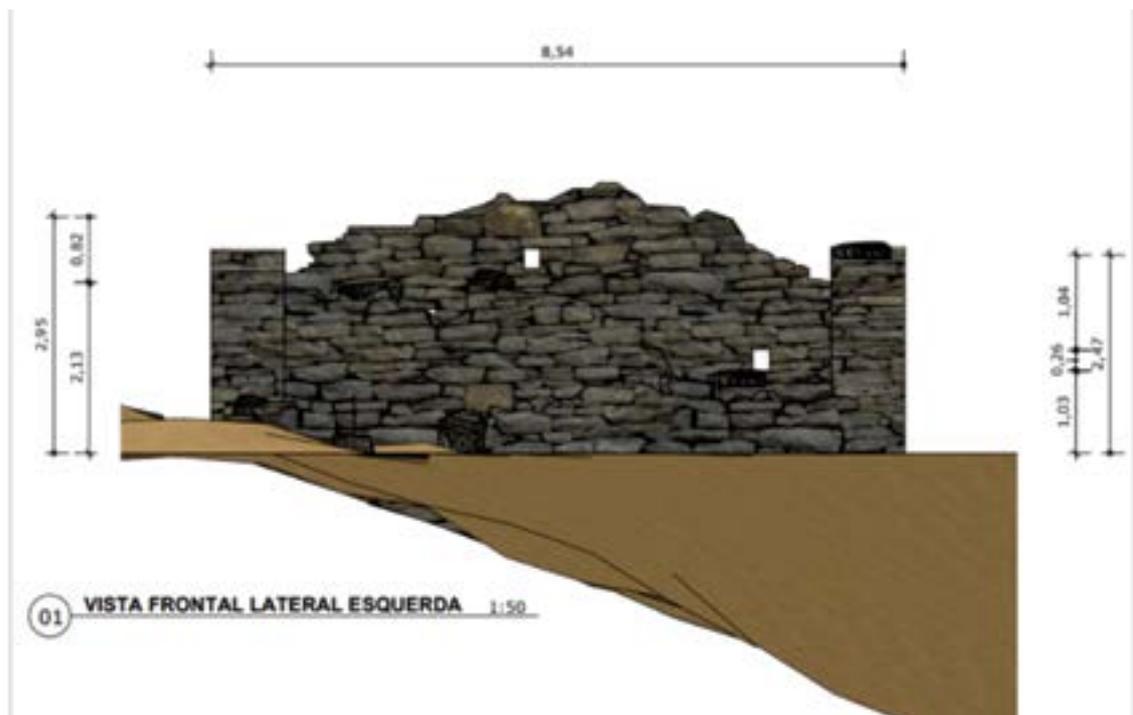
Vale salientar que as aberturas superiores para além de serem atribuídas a ventilação, também poderiam ter fins militares, servindo de espaço para colocação de armas contra inimigos durante os ataques, como mostram as imagens a seguir (Figura 11) e (Figura 12).

Figura 11- Aberturas na casa de Pedra que poderiam variar em suas funções, ventilação ou proteção.



Créditos de imagem: Monique Emanuele Pinheiro Ferreira

Figura 12 - Aberturas na casa de Pedra que poderiam variar em suas funções, ventilação ou proteção.



Créditos de imagem: Monique Emanuele Pinheiro Ferreira.



Algumas hipóteses foram levantadas sobre quem ergueu a Casa de Pedra, sendo mencionadas de forma mais específicas nos próximos tópicos.

### 3.0 HIPÓTESE HOLANDESA

Muitas hipóteses foram levantadas sobre a origem da Casa de Pedra, no município de Senador Sá, uma delas é atribuída aos holandeses. O sr. Francisco Dourado, 70 anos, filho da terra, em uma entrevista concedida a Praxedes no ano de 1984 afirmou que a casa foi feita no século XVII pelos holandeses, o mesmo ainda mencionou a existência de um livro que relatava toda a história da construção.

Conforme o entrevistado, os holandeses partiram em uma expedição pelo sertão cearense, depois de aportar em algum momento numa faixa costeira que liga os municípios de Caucaia e Acaraú, resolveram então explorar o interior e assim partiram para o sul, percorreram cerca de 80 km até as terras da atual Senador Sá e diante do calor escaldante, teriam decidido se estabelecer no Olho d’água dos Picos.

Entretanto, alguns pontos devem ser mensurados nessa hipótese, a princípio: não há informações sobre o livro mencionado ou algo que comprove sequer a existência do mesmo, outro aspecto deve ser considerado, de acordo com Câmara Cascudo, Os holandeses, senhores do Ceará, estenderam-se pelo litoral, onde fizeram pequenas feitorias ao longo das costas, mas nunca se aventuraram a dirigir-se para o interior (CASCUDO apud THEBÉRGE, 2010, n.p). Entre os documentos históricos que poderiam conter alguma informação sobre a vinda dos holandeses para o Ceará, ressalta-se o Diário de Mathias Beck, holandês que veio de Pernambuco para as proximidades do rio Ceará em 1649, cujo texto foi traduzido para o português por Alfredo de Carvalho e publicado na Revista do Instituto Histórico do Ceará em 1903.

Os relatos mencionam que a equipe que acompanhou a expedição permaneceu por vários meses nas proximidades do rio Ceará, a partir de abril de 1649. Durante boa parte desse tempo, o comandante da frota e redator do relato, ordenou que se criassem duas equipes distintas. Uma delas seria responsável pela edificação do forte Shoonenburch, próximo ao rio Ceará, enquanto a outra partiria para exploração de prata na serra de Maranguapa (atual Maranguape), que dista de aproximadamente quarenta quilômetros do local do forte.

O relato se dá inteiramente nas imediações do forte e sempre se atendo ao assunto da extração da prata na serra de Maranguape. Desta forma, mesmo que o documento esteja incompleto, não se supõe que tenham adentrado tanto nem ao sul, nem a oeste o suficiente para chegar nas imediações de Senador Sá.

Ao longo de sua narração, Mathias Beck menciona várias vezes que há relatos de minas de prata no “monte Upuapaba” (atual serra de Ibiapaba), a poucas léguas do litoral e próxima de Camocim. Entretanto, em nenhum momento do seu diário ele menciona que se dirigiu para esta localidade.



Portanto, conforme mencionado anteriormente, a inexistência de relatos históricos que mencionam a entrada dos holandeses ao interior, dificulta a confirmação da hipótese de que a Casa do Cão foi construída por eles. Pelo menos até que o livro misterioso seja encontrado, ou que escavações arqueológicas no local tragam elementos que permitam a correlação entre a cultura material encontrada e os holandeses.

### 3.1 HIPÓTESE JESUÍTICA/ PORTUGUESA

Outra possibilidade é que a origem da Casa do Cão esteja ligada aos “donos da terra” segundo o Tratado de Tordesilhas, os Portugueses nesse caso aos Jesuítas. Ainda com base no manuscrito de Praxedes (1984), há referências aos primeiros jesuítas que chegaram ao Ceará para efetuar o trabalho de catequização de grupos indígenas.

Os servos de Deus iniciaram um campo missionário na Serra de Ibiapaba, com o intuito de expandir os trabalhos religiosos na zona Norte do Estado até o litoral compreendendo Camocim e Acaraú, ao desembarcar em Granja, encontraram uma grande tribo que se estendia até o Olho d’água dos Picos, onde ficaram por muito tempo. Como dessa serra se observava uma enorme planície, os jesuítas concluíram que ali seria apropriado para a criação de gado e cultivo da agricultura, dando início a “civilização” dos Guaraús, com o auxílio dos indígenas construíram a casa forte, que passou a ser chamada pelos indígenas de “Casa de Cão”, uma referência às batinas pretas que os missionários utilizavam.

Vale ressaltar que a catequização dos indígenas não foi um processo pacífico. Dentre as consequências esperadas ao evangelizá-los, preservando-lhes a liberdade restrita, estava a obtenção de apoio militar para ir contra os índios inimigos e a exploração econômica da terra, usando-os como mão-de-obra (RIBEIRO, 2009,p.336). Além disso, a catequese feria a visão de mundo indígena, desrespeitando o modo como viviam.

Para além dos relatos de Praxedes, a Casa do Cão tem outras características comuns às portuguesas: o fato de estar em um território que proporciona uma boa vista e próximo a fontes de águas. Vale ressaltar que, segundo Silva (2010) na hora de escolher o lugar, as ideias militares se entrecruzam nessas arquiteturas, uma significação militar e uma significação doméstica (...) esta escolha espacial para a instalação era o critério econômico, como por exemplo, a presença de um rio, de pastos, árvores e animais de para caçar (SILVA, 2010, p.91).

Além do mais, os escombros apresentam características que remontam a conquista do Sertão. Segundo Roberto Airon Silva (2010), “As casas fortes surgiram como empreendimento de caráter especificamente bélico, na tentativa de anular a resistência indígena na ocupação dos sertões das capitânicas do Estado do Brasil, na segunda metade do século XVII até o início do XVIII” (SILVA, 2010,p.226), ainda de acordo com o autor:

A utilização das casas fortes estenderam-se desde as proximidades do rio Paraguaçu, no Recôncavo baiano, até a ribeira do Assu-Piranhas, nas capitânicas do Rio Grande e Paraíba respectivamente, tendo talvez chegado até à ribeira do Jaguaribe, na



capitania do Ceará (SILVA, 2010,p.226).

Segundo o historiador Rafael Ricarte da Silva, as casas fortes e os arraiais foram locais de defesa dos conquistadores por entre os sertões. Esses elementos defensivos, juntamente com os serviços prestados nas demais guarnições da Capitania do Siará Grande, foram elencados pelos sesmeiros como justificativas para as solicitações de terras, especialmente entre 1680 e 1720 (SILVA, 2021, p.107).

Ademais, os restos arquitetônicos da Casa do Cão muito se assemelham com as ruínas da casa forte do Cuó em Caicó/RN que:

Apresenta um partido de planta retangular com aproximadamente 22,60m de comprimento por 15,46m de largura e espessura de aproximadamente 87 cm. Apesar de encontrar-se em ruínas ainda apresenta trechos de paredes, que mantêm uma altura constante, chegando, em alguns pontos, a cerca de 1,19m (MACEDO, 2005, p.161).

De tal modo a hipótese da Casa do Cão ser de origem portuguesa é respaldada pela historiografia colonial, que a insere no contexto da colonização do interior, uma vez que, a constituição de aldeamentos, missões, currais, casas fortes e arraiais era necessidade de primeira ordem.

Sobre os aldeamentos é importante ressaltar que, os religiosos recebiam sesmarias nas quais pudessem criar gado e desenvolver uma agricultura de subsistência, assim os missionários percorreram os sertões implantando aldeamentos com o objetivo de propagar a fé, contribuindo para a redução dos territórios das populações nativas quando era necessário desocupar as terras habitadas pelos indígenas, deixando-a livre para a expansão pecuária facilitando o processo de colonização do sertão, desse modo “Pensar terras interioranas como livres implicou ignorar a presença indígena predominantemente no território da América” (MACHADO, 2010,p. 42). Assim, a conquista do sertão foi marcada por uma série de conflitos entre os colonizadores e povos indígenas, episódios conhecidos como a guerra dos bárbaros.

### **3.2 HIPÓTESE FRANCESA**

Em 1494 o novo mundo foi dividido entre Portugal e Espanha pelo Tratado de Tordesilhas, desagradando a França, Inglaterra e Holanda. Indignado o Rei da França Francisco I, disse desconhecer o testamento de Adão que o deixava de fora da partilha do novo mundo, contestando a soberania lusa sobre o território recém-descoberto, de tal modo que, a presença de franceses no Brasil é registrada desde os primeiros anos da colonização portuguesa, a princípio no litoral do Rio de Janeiro(1555) e no Maranhão(1594).

Diante da ameaça francesa aos domínios ibéricos em 1603, Pero Coelho (português) partiu da Paraíba rumo à Serra de Ibiapaba, uma região fronteira ocupada por franceses aliados dos índios Tabajara. O foco da expedição não era necessariamente a Ibiapaba, mas libertar o Maranhão da ocupação francesa. Desse



modo travou-se uma batalha nas proximidades da serra entre os colonizadores portugueses, invasores franceses e indígenas aliados de ambos os lados, de acordo com Claude d’Abbeville:

Enquanto estes se fortificavam dentro de uma das aldeias encontradas desertas, os de Ibiapaba se entregaram durante toda a noite ao corte de árvores, edificando, na manhã seguinte, um forte ao sopé da montanha, a cerca de uma légua de distância do exército inimigo. A maior parte dos moradores de Cotiba, vendo o esforço feito pelos seus amigos de Ibiapaba, que haviam esposado sua causa, a eles se uniu, entrincheirando-se e fortificando-se solidamente contra o inimigo. Dias após, mais animados e sentindo suas forças crescerem com a coragem, resolveram aproximar-se mais do inimigo construindo outro forte, apenas a meia légua de distância e, em seguida, mais seis, o último dos quais ao alcance de um tiro de arcabuz, junto do lugar onde se achava entrincheirada a expedição de Pernambuco (D’ABBEVILLE,2008,p.96).

Acredita-se que, a batalha ocorreu onde está localizada a Casa do Cão, porém, nos relatos Claude d’Abbeville não faz nenhuma menção a construção de pedras, e o modelo de fortificação descrito muito se assemelha às primeiras construções fortificadas pelos portugueses, erguidas para a exploração de pau-brasil, um galpão de madeira cercado por uma paliçada de toras pontiagudas de madeira. Também trata-se de uma construção mais rápida do que a feita de pedra, o que possibilitou que “dias após”, já se construíssem o outro citado forte, de mesma matéria prima, uma construção até então não identificada.

Diante da resistência encontrada na Ibiapaba, a coroa decidiu enviar uma missão jesuítica, com o objetivo de catequizar os indígenas para que os mesmos aceitassem a presença portuguesa, conciliando as necessidades do Estado e desejo da igreja.

### **3.0 A CASA DO CÃO: MISTICISMO POPULAR**

A Casa do Cão ou casa de pedra apesar de remontar as guerras de conquista e reconquista colonial, ela está inserida no imaginário popular através de mitos, lendas e credices transmitidas oralmente por gerações, fomentando a memória e a identidade cultural local.

Essa antiga construção habita o imaginário do sertanejo como um local místico e cheio de mistérios. Todo esse misticismo que envolve a Casa do Cão podemos observar no romance O Poder das Amarras, escrito por Francisco Ézio de Souza; além de escritor é membro do Instituto do Ceará; nasceu em Senador Sá em 1935. Seu romance narra suas memórias de infância por meio do personagem Ângelo, seu alter ego, que sai do seu torrão natal para estudar em Fortaleza. Nesse romance a Casa do Cão aparece cheia de



mistérios, atraindo a curiosidade de cientista que veio ao local “para desvendar o segredo do Serrote dos Picos” (SOUZA, 1997, p 21).

A visita de fato ocorreu nos anos 30, tendo como líder da expedição arqueológica o filósofo e historiador austríaco Ludwig Schwennhagen que fez uma escavação no casarão de pedra procurando indícios para comprovar a sua teoria de que o Nordeste do Brasil foi ocupado pelos fenícios por volta de 700 a.C a procura de cobre, ferro e estanho. Quando se refere a Casa do Cão, diz o austríaco: “na ponta da península de Camocim (Ceará) foram encontrados os mesmos vestígios de antigas muralhas” (SCHWENNHAGEN, 2008, p 99).

Para Schwennhagen os paredões do antigo casarão seriam um vestígio da presença dos fenícios na América, assim como a gruta de Ubajara seria uma de suas minas. Mas é preciso ter cautela nas afirmativas do austríaco, já que existem várias versões para as origens da casa de pedra, e seus estudos estão incompletos.

De acordo com Cascudo: O mito, assim como outras manifestações poéticas orais, apresenta peculiaridades que revelam informações históricas, sociais e etnográficas, constituindo-se em documento vivo (CASCUDO,2009,n.p), logo, preservá-las é preservar o patrimônio cultural imaterial da região.

A Casa do Cão é permeada por histórias sobrenaturais que tornam o lugar mais atrativo e que fazem parte do imaginário e da cultura local. Segundo relatos da população o lugar é mal-assombrado, aqueles que visitam o local a noite escutam vozes e vêem visagens, alguns afirmam que a construção foi edificada pelo diabo para alojar seus escolhidos antes de levá-los para o inferno.

Apesar das narrativas míticas formarem a identidade do local, devemos tomar cuidado com as associações de caráter negativo que podem levar os mal informados a abandonar ou mesmo destruir o patrimônio, ressaltando mais uma vez a relevância de iniciativas voltadas à educação patrimonial para enfrentar os possíveis estereótipos do espaço e criar uma nova perspectiva, com a valorização de histórias, personagens e, principalmente, marcos patrimoniais no lugar em que vivem.

#### **4.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A Casa de Pedra de Senador Sá surgiu da necessidade de resguardar e proteger as fronteiras mais afastadas da costa, está intimamente ligada ao processo de expansão que caracterizou a conquista do interior. Apesar das versões atribuídas aos construtores da Casa Forte, serem as mais convincentes às teorias portuguesa e francesa, existe ainda possibilidade de uma “união” das teorias, em outras palavras, de fortificações superpostas:

Em decorrência da essência de uma fortificação, muitas delas trocaram de bandeira, ou mesmo sofreram alterações pelo mesmo grupo cultural. Como normalmente



a escolha do local a ser fortificado baseia-se em critérios operacionais, muitas fortificações de outros grupos são edificadas sobre a anterior (ALBUQUERQUE, 2017,n.p).

Tendo em vista que além das fortificações construídas por Portugal para resguardar o território brasileiro, os invasores também fundaram fortificações. Estas edificações foram remodeladas, ampliadas e reutilizadas pelos portugueses (Cruxen,2011, p. 13), ou seja, a Casa do Cão a princípio pode ter sido um reduto de defesa erguido de madeira pelos franceses, mas remodelada por portugueses.

Para desvendar tais hipóteses, é necessário que existam outros estudos, principalmente de natureza arqueológica sobre as fortificações abandonadas e conhecidas pela população local sob forma de ruína, de acordo com Albuquerque (2017), o estudo arqueológico desta categoria de fortificação além de trazer a luz as suas subunidades funcionais que permitirão uma restauração, resgatará muitos aspectos do cotidiano de seus ocupantes.

A partir da realização deste trabalho foram tomadas providências para o cadastro desse local como sítio arqueológico no Instituto do Patrimônio e Artístico Nacional – Iphan, pois a partir dessa proteção legal, podem ser envidados esforços para a realização de uma pesquisa arqueológica, nos moldes da Legislação do Patrimônio Arqueológico vigente, para caracterização da cultura material ali depositada e das atividades desenvolvidas, bem como o estabelecimento de uma cronologia absoluta e/ou relativa do período de ocupação daquele espaço.

Os métodos e técnicas da pesquisa arqueológica também podem resgatar características da edificação que estão soterradas, assim como revelar materiais construtivos originais e informações sobre os fatores de degradação do processo de arruinamento vigente, isso por exemplo, levando em consideração as possibilidades de uma construção feita em gênese de madeira pelos franceses, se essa possibilidade for verídica, é por meio das escavações arqueológicas, sejam elas em quadrículas ou em trincheiras, que podemos realizar um levantamento por meio do negativo caracterizado pelo escurecimento do solo com a madeira decomposta.

Outros materiais podem ser encontrados durante as escavações, sejam materiais de uso doméstico, bélicos ou outros, fornecendo subsídios para as medidas tanto para descobrir a quem destinar a obra, como seu tempo com exatidão e, enfim, tomar as medidas de conservação necessárias para preservação desse patrimônio edificado.

## 5.0 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, M. A. G.M; LUCENA, Velela. **Fortificação e Humanidade**. In: Anais do Simpósio Científico 2017 - ICOMOS BRASIL. Anais. Belo Horizonte(MG) Instituto Metodista Izabela Hendrix, 2017. Disponível em: <<http://www.even3.com.br/anais/eventosicomos2017>>. Acesso em: 18/09/2018.



BEZERRA, Antônio. **Notas de viagem**. Imprensa Universitária do Ceará, Fortaleza.1965.

BECK, Mathias. **Diário de Expedição de Mathias Beck ao Ceará em 1649**. In: Revista do Instituto Histórico do Ceará, 1903. Tradução de Afredo de Carvalho.

CASCUDO, L.C. **Literatura Oral no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Global Editora.2009.

CRUXEN, Édison. **A Arquitetura Militar Portuguesa no período de Expansão Ultramarina e suas origens medievais** in Aedos. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

D'ABBEVILLE, Claude. **História da missão dos padres Capuchinhos na ilha do Maranhão e terras circunvizinhas/Claude d'Abbeville, tradução de Sérgio Milliet**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008.

FARIAS, Airton De. **História do Ceará**. 7ª ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2015.

GARCIA, Mariano. **La arquitectura en piedra seca, presente en Aragón, reconocida por la Unesco**. Site Heraldo, 2018.

JACKSON, Comunic a notícia como ela é, simples. **Lendas e mitos senadorsaenses**. 2014. Acesso em 19/07/2023.

JÚNIOR, Romeu Duarte. **Arquitetura colonial cearense: meio-ambiente, projeto e memória**. in Revista CPC, São Paulo, n. 7, pp. 43-73, nov. 2008/abr. 2009.

MACEDO, Helder Alexandre Medeiros de. **Contribuição ao estudo da Casa-Forte do Cuó, Caicó-RN**, Mneme-Revista de Humanidades. Campus de Caicó. V. 06. N. 13, 2005.

MACHADO, Marina Monteiro. **Entre Fronteiras: Terras indígenas nos sertões fluminenses (1790-1824)**: Editora da UFF, 2010.

RIBEIRO, Núbia Braga. **Catequese e Civilização dos Índios nos Sertões do Império Português no Século XVIII**. HISTÓRIA, São Paulo, 28 (1): 2009.

ROCHA Pombo. **História do Estado do Rio Grande do Norte**. Rio de Janeiro, 1921.

SANTOS, Juvandi de Souza. **Casas Fortes, Arraiais, Sertão e extinção indígena na Capitania Real da Paraíba**. 1. ed. Queimadas, PB, 2021.

SCHWENNAGEN, Ludwig. **Antiga História do Brasil- 1100 a. C. a 1500 d. C.- 5ª ed**. Limeira, SP: 2008.

SILVA, Roberto Aron. **ARQUEOLOGIA DAS CASAS FORTES: ORGANIZAÇÃO MILITAR, TERRITÓRIO E GUERRA NA CAPITANIA DO RIO GRANDE – SÉCULO XVII-** Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Área de Concentração em Antropologia / Arqueologia, da Universidade Federal da Bahia. 2010.

SOUZA, Francisco Ésio de. **O Poder das Amarras**. Fortaleza, EDICON, 1997.



VASCONCELLOS, Sylvio de. **Arquitetura no Brasil: Sistemas Construtivos**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 1970

VICENTINO, Cláudio. **História do Brasil**/ Cláudio Vicentino, Gianpaolo Dorigo - São Paulo: Scipione,1997.